

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Departamento de Antropologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
maria.raquel.lima@uerj.br
<https://orcid.org/0000-0003-0143-0558>

Maria Raquel Passos Lima¹

MARSHALL SAHLINS (1930-2021): PROVOCAÇÕES DE UMA ANTROPOLOGIA INQUIETA COMO LEGADO PARA O FUTURO

A notícia do falecimento de Marshall Sahlins, aos 90 anos de idade (27/12/1930-05/04/2021), vem acompanhada de grande pesar e do inevitável reconhecimento de seu legado à antropologia, a ponto de não soar estranho alçá-lo ao status de clássico da disciplina. Antropólogo estadunidense, Sahlins deixou profundas influências na antropologia cultural da segunda metade do século XX até a contemporaneidade com obra marcada pelo senso de humor, às vezes ácido, e por um pensamento inquieto, provocador e sempre aberto a embates e mudanças.

Centrados principalmente na região do Pacífico, nas Ilhas Fiji e no Havaí, seus trabalhos contribuíram para o desenvolvimento da teoria antropológica, abordando questões que atravessam os campos da antropologia econômica, histórica e política, refletindo sobre parentesco, biologia, religião e sistemas de pensamento, a partir de um entendimento dinâmico e não reducionista da cultura.

À visão da cultura como algo em transformação, corresponde a abertura com que assimilou influências diversas ao longo de sua trajetória, permitindo que sua perspectiva sobre os fenômenos culturais, longe de se manter estática e objetificada, também se aprimorasse. Com formação de bacharel em artes (1951) e mestre em antropologia (1952) pela Universidade de Michigan, em Ann Arbor, e doutorado pela Universidade de Columbia (1954), Sahlins iniciou sua carreira sob influência de Leslie White, cujo pensamento marcado por uma visão materialista e evolucionista se refletiu em suas primeiras publicações, como *Evolution and culture* (1960).

No final da década de 1960, Sahlins passou dois anos em Paris, sendo influenciado pelo ambiente intelectual francês e pelo estruturalismo de Clau- de Lévi-Strauss. Na década de 1970, lançou diversos ensaios nos quais é um crítico insistente do *homo economicus* e da pretensão universalista da racio- nalidade econômica ocidental, apontando a base cultural e a relatividade do pen- samento burguês como uma lógica cultural específica, que chamou de razão prática. “A sociedade afluente original” e “*La pensée bourgeoise: a sociedade oci- dental como cultura*”, publicados originalmente em *Stone age economics* (1972) e *Culture and practical reason* (1976) são alguns exemplos influentes.

O embate crítico contra a crença numa racionalidade prática universal atravessa sua obra chegando à interpretação da morte do capitão James Cook no Havaí em 1779, com *Islands of history* (1985), e à disputa com o antropólogo cingalês Gananath Obeyesekere, que publicou *The apotheosis of captain Cook* (1992), acusando Sahlins de “exotização” dos povos havaianos. Sahlins rebate as críti- cas de Obeyesekere com a publicação de *How “natives” think: about captain Cook, for example* (1995), gerando assim um dos debates mais notáveis da história da antropologia. Nele, Sahlins reafirma a diversidade das ontologias e das lógicas culturais contra a ideia de uma racionalidade única, que imputa ao cingalês, cuja visão eurocêntrica corresponderia a uma “antiantropologia”, por negar a especificidade cultural havaiana.

Com seus trabalhos no campo da antropologia histórica, Sahlins contri- buiu para o desenvolvimento de questões teóricas, refletindo sobre a relação entre estrutura e evento, ao tratar do problema da mudança cultural. A partir da noção de “estrutura da conjuntura”, apontou o equívoco em pensar “evento” e “estrutura” como oposição, fornecendo síntese que permite uma análise es- trutural diacrônica da cultura.

Leccionou na Universidade de Michigan de 1957 a 1973, e a partir de 1974 ingressou no departamento de antropologia da Universidade de Chicago, cida- de em que nasceu, tonando-se professor emérito de antropologia (the Charles F. Grey Distinguished Service Professor of Anthropology Emeritus). Professor visitante em universidades estrangeiras, recebeu honrarias de diversas asso- ciações e universidades. Publicou 19 livros, produziu mais de 100 artigos e en- saios, e seu trabalho foi traduzido para mais de 20 idiomas. Seus últimos livros publicados dedicaram-se à reflexão sobre parentesco e política, como *What kinship is – and is not* (2013), e *On kings* (2017), em coautoria com David Graeber.

Sahlins também se caracterizou por seu ativismo e pela defesa da liber- dade de pensamento. Atuou ativamente contra a Guerra do Vietnã, tendo in- ventado uma forma de protesto realizada dentro da universidade conhecida como *teach-in*, com o objetivo de mobilizar as comunidades acadêmicas a de- batar e enfrentar desafios como as guerras dos EUA, as reformas neoliberais e os efeitos da globalização econômica. Em 2013, renunciou à Academia Nacional de Ciências (NAS) como forma de protesto contra a eleição de Napoleon Chag-

non, cujos métodos de pesquisas e análises sociobiológicas desaprovava, e contra pesquisas militares com fins bélicos.

Manteve-se intelectualmente ativo e produtivo, sendo, desde 2001, editor executivo do selo Prickly Paradigm Press, especializado em pequenos panfletos como provocação ao pensamento contemporâneo, pelo qual publicou *Waiting for Foucault, still* (2002). O último projeto ao qual se dedicou foi a escrita de uma obra em três volumes sobre as culturas e o pensamento oceânicos, cujo primeiro volume, intitulado *The new science of the enchanted universe*, será publicado em 2022.

A antropologia perde um de seus grandes expoentes, mas, sobretudo, o mundo perde um pensador de mente perspicaz e espírito inconformista. Não cabe aqui, porém, qualquer pessimismo sentimental, pois seu legado intelectual permanece. Que suas ideias continuem em vivaz movimento, contribuindo para o desenvolvimento histórico da antropologia por caminhos tão desafiadores quanto profícuos.

Maria Raquel Passos Lima é professora adjunta do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/Uerj), doutora em antropologia cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ) e bacharel em ciências sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Graeber, David & Sahlins, Marshall. (2017). *On kings*. Chicago: Hau Books, distributed University of Chicago Press.

Obeyesekere, Gananath. (1992). *The apotheosis of captain Cook: European mythmaking in the Pacific*. Princeton: Princeton University Press.

Sahlins, Marshall. (in press). *The new science of the enchanted universe*. Princeton: Princeton University Press.

Sahlins, Marshall. (2013). *What kinship is – and is not*. Chicago: The University of Chicago Press.

Sahlins, Marshall. (2002). *Waiting for Foucault, still*. Chicago: Prickly Paradigm Press.

Sahlins, Marshall. (1995). *How “natives” think: about captain Cook, for example*. Chicago: The University of Chicago Press.

Sahlins, Marshall. (1985). *Islands of history*. Chicago: The University of Chicago Press.

Sahlins, Marshall. (1976). *Culture and practical reason*. Chicago: The University of Chicago Press.

Sahlins, Marshall. (1972). *Stone age economics*. Chicago: Aldine-Atherton.

Sahlins, Marshall & Service, Elman (eds.). (1960). *Evolution and culture*. Ann Arbor: University of Michigan Press.